



ALFABETIZAÇÃO: a concepção e a prática pedagógica de professoras das turmas de 1º ano da rede de ensino municipal de Alcobaça e Caravelas

Adriele Apolinária Casagrande¹

Amanda Moreira Maia²

Priscila Alves Pereira³

Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo

No Brasil ainda existem cerca de onze milhões de pessoas consideradas analfabetas, fato que revela que o direito de aprendizagem a leitura e a escrita continua sendo negado a uma parte significativa da população brasileira. Diante dessa realidade, nos interessou conhecer os processos de alfabetização e a prática pedagógica dos docentes de Alcobaça e Caravelas, municípios baianos de origem das autoras. Para este trabalho, buscaremos alcançar o seguinte objetivo específico: analisar o conceito e o método de alfabetização que fundamenta a prática pedagógica de duas professoras alfabetizadoras do extremo sul baiano. Como fundamentação teórica, foram utilizados os estudos de Moraes (2012), Ferreiro (1997), Ferreiro e Teberosky (1999) e Soares (2016; 2021). A metodologia adotada nesse processo situa-se numa perspectiva qualitativa, tendo como método o estudo de caso (MINAYO, 2001). Como dispositivos de pesquisa foram estabelecidos a observação em sala de aula e a entrevista oral com as duas professoras das turmas de 1º ano. Os resultados indicam que não há clareza da concepção de alfabetização por parte das professoras, fator que influencia a forma como as mesmas realizam suas práticas em sala de aula. Além disso, identificamos também que há o predomínio do uso dos métodos tradicionais de ensino e não houve práticas de letramento intencionais observado no contexto do trabalho pedagógico.

Palavras-chaves: Alfabetização; Concepção de alfabetização. Métodos de Alfabetização.

Introdução

¹Graduada em Pedagogia no Departamento de Educação Campus X – DEDC- X da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Contato: adrieleapolinariacasa@gmail.com

²Graduada em Pedagogia no Departamento de Educação Campus X – DEDC- X da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Contato: amaanda.maia.98@gmail.com

³Doutoranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professora da rede municipal de ensino de Teixeira de Freitas- BA e da UNEB. Contato: priscilaalvespereira@gmail.com.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior que foi desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Pedagogia no *campus X* da Universidade do Estado da Bahia. A partir do conhecimento da realidade nacional acerca da alfabetização, buscamos conhecer como se caracteriza o processo de alfabetização de crianças nos municípios de Alcobaça e Caravelas, situados no extremo sul da Bahia.

Para tanto, estabelecemos como objetivo geral da pesquisa: compreender a concepção de alfabetização dos professores do 1º ano dos municípios de Alcobaça e Caravelas, a partir do método que fundamenta a sua prática pedagógica. Neste trabalho, apresentaremos os resultados relacionados ao seguinte objetivo específico: analisar o conceito e o método de alfabetização que fundamenta a prática pedagógica dos professores alfabetizadores do extremo sul baiano. Nesse sentido, optamos por desenvolver uma pesquisa qualitativa, tendo como método o estudo de caso. Lucke e André (2013, p. 17) afirmam que “o estudo de caso é o estudo de um caso, seja ele simples e específico (...) ou complexo e abstrato (...). O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo”. Utilizamos a observação e a entrevista oral como os dispositivos de pesquisa e, além desses, fez parte de todo o percurso de investigação, o diário de campo, instrumento de registro das observações e análises no decorrer da pesquisa.

1 Alfabetização: definindo um conceito

O processo de alfabetização é, geralmente, iniciado na infância, mesmo antes das crianças entrarem na escola formal. Segundo Soares (2021, p.16.), alfabetização é o “processo de apropriação da tecnologia da escrita, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas”.

Contrário a essa concepção, por muitos anos, a alfabetização foi vista como um período dedicado à apropriação estrita de um código. Entretanto, sabemos hoje que essa é uma visão limitante do processo de aquisição da leitura e da escrita. Nesse sentido, os estudos de Moraes, nos ajudam a compreender que “se falamos em sistema de escrita alfabética, é porque a concebemos como um sistema notacional e não como um código. Para aprender um código, basta apenas decorar novos símbolos que substituem outros símbolos de um sistema notacional já aprendido” (2012, p. 60). Por conseguinte, o processo de alfabetização, vai além da internalização de um código, trata-se da compreensão de que a escrita (grafemas) representam os sons da fala (fonemas). E, para tanto, faz-se necessário

superar a visão mecanicista desse processo, reconhecendo-o a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva.

Recentemente, a professora Magda Soares (2016), ampliou a concepção de alfabetização, estabelecendo que a mesma acontece a partir de três facetas. De acordo com ela, a faceta linguística se refere à aprendizagem da escrita, das relações sonoras que se estabelecem nesse processo. A faceta interativa está ligada à produção dos diferentes gêneros textuais, desenvolvendo a habilidade de produzir e compreender suas características. Já a faceta sociocultural, se relaciona com o uso que a pessoa faz socialmente do texto, utilizando-os nos diversos contextos comunicativos.

Essas duas últimas facetas se relacionam com o processo que ficou conhecido no Brasil como letramento, ou seja, com o uso da leitura e da escrita a partir da função social em que se encontra. Apesar de se apresentarem como processos distintos, a alfabetização e o letramento se complementam e, portanto, recomenda-se que o trabalho pedagógico com tais processos aconteça de forma concomitante. Compreender a aquisição da leitura e da escrita negligenciando o contexto onde são utilizadas é optar por uma concepção tecnicista de alfabetização, onde a simples codificação e decodificação do código são suficientes.

2 Os principais métodos de Alfabetização na Educação Brasileira

No Brasil, desde o período colonial até o início da república, quanto à aprendizagem da leitura e da escrita, vigorou o trabalho pedagógico com base no que conhecemos como métodos tradicionais de alfabetização. Tais métodos podem ser divididos em dois grupos: os métodos sintéticos e os métodos analíticos.

No grupo sintético estão os métodos alfabéticos, os silábicos e os fônicos, como principais exemplos. Eles pressupõem que para conseguir se alfabetizar, o aluno deve partir de unidades linguísticas menores para unidades maiores. Nesse caso, os alunos primeiro terão contato com as letras, passam para as sílabas e por fim para as palavras até conseguirem codificar e decodificar o texto. Nos métodos analíticos, temos a palavração, a sentençação e o método global. Ao contrário dos sintéticos, estes propõem que seria adequado começar o ensino por unidades maiores. Dessa forma, a palavra, a frase ou os pequenos textos das cartilhas eram consideradas como referência para início da alfabetização. (MORAIS, 2012). Apesar de algumas diferenças, na prática, tanto os métodos sintéticos quanto os analíticos se baseiam na memorização e não permitem que a criança pense sobre a construção da escrita durante o processo de alfabetização.

Em meados da década de 1980, tornou-se conhecido no país, os estudos feitos pelas

pesquisadoras argentinas, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979) e a Psicogênese da Língua Escrita. As autoras defendem que a aquisição da escrita no processo de alfabetização acontece a partir de etapas ou níveis. No nível pré-silábico a criança não estabelece relação entre a escrita e a fala. Mistura desenhos, com rabiscos e letras. O nível silábico é marcado pela percepção da existência da relação entre o som da fala e a escrita e compreende o silábico sem valor sonoro e o silábico com valor sonoro. No nível silábico-alfabético, a criança escreve algumas sílabas da palavra de forma correta, percebendo os sons de cada letra que a compõe e em outras repetir o mesmo modo como fazia no nível silábico. As crianças da fase alfabética conseguem escrever fazendo relação entre fonemas e grafemas, embora sejam comuns erros ortográficos e dificuldades na escrita de palavras mais complexas.

A partir da apropriação dos estudos sobre a Psicogênese da Escrita, o processo de alfabetização é visto sob a ótica de quem aprende e não de quem ensina. Também é necessário considerar que os estudantes devem ter acesso também às práticas sociais que demandam o seu uso, ou seja, o letramento. Segundo Magda Soares (2004, p. 23), “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”. Sendo assim, para considerarmos alguém alfabetizado é necessário que além de se apropriar do SEA também seja trabalhado o uso dos textos que circulam na nossa sociedade.

3 Processos de alfabetização em Alcobaça e Caravelas: um estudo de caso

A coleta de dados no campo de pesquisa foi realizada entre setembro e outubro de 2022, em duas escolas públicas, sendo uma instituição localizada em Alcobaça e outra localizada em Caravelas – Bahia. Participaram da pesquisa, duas professoras que trabalham nas escolas em questão e a fim de preservar a identidade das mesmas, seus nomes foram alterados para Rita e Aurora.

No primeiro momento da pesquisa, foram realizadas observações em uma sala de aula do 1º ano do ensino fundamental de cada cidade. No segundo momento da pesquisa, foi realizada uma entrevista com cada uma das professoras com questões pré-estabelecidas. A seguir, apresentaremos a análise realizada a partir dos dados coletados, destacando que essa análise é fruto de um olhar atento às particularidades dos sujeitos envolvidos no estudo desse caso. Buscaremos articular os dados coletados com a base teórica que fundamenta a presente pesquisa e para atender ao objetivo específico a que se refere esse trabalho, limitaremos a análise de apenas duas, das dez questões propostas.

A primeira questão da entrevista foi: “analisando a sua prática pedagógica como professora, qual a sua concepção sobre alfabetização?”. A professora de Alcobaça respondeu:

Rita: “No meu entender de alfabetizar, a gente tem que ser uma professora bem lúdica e também ter uma experiência de alfabetizar. Pelo menos o modo que alfabetizo meus alunos o pessoal adora, um trabalho assim, bem dinâmico com eles e eu quero ver no final eles ler e escrever”.

A partir da observação que ocorreu em sala de aula identificamos uma divergência no momento em que a professora diz ter uma “prática lúdica”. Schoolzer, Brancher e Nascimento (2008, p.94) definem a ludicidade como “o amplo processo do brincar infantil, englobando brincadeiras de jogos de papéis, com objetos de faz de conta, entre outras”. Sendo assim, pudemos notar que desde o início das observações, não houve em sala de aula uma atividade que envolvia ludicidade.

Quanto à concepção de alfabetização, foco dessa questão, a professora Rita não deu uma definição exata na entrevista acerca da mesma. Acreditamos que a professora teve dificuldade para compreender a questão, então, reformulamos a pergunta utilizando o termo “compreende por alfabetização”. Só a partir daí que ela conseguiu formular a resposta, se expressando apenas que o modo como trabalha é para “ver a criança ler e escrever no final do ano”.

Já na escola do município de Caravelas, sobre a mesma questão mencionada, a professora Aurora respondeu da seguinte forma:

Aurora: É a base do aprendizado a alfabetização. Infelizmente não temos vários recursos, como gostaríamos de ter para uma melhora de aprendizado, principalmente em materiais concretos, para a gente poder trabalhar. Mas eu acho que é a base! A educação infantil e a alfabetização é o principal. (2022).

Analisando a resposta da professora do município de Caravelas e de acordo com nossas observações, identificamos o “cantinho da leitura” com os livros sob a mesa, como o recurso mais diversificado na classe. Segundo Ferreiro (1997, p. 33), “em cada classe de alfabetização deve haver um “canto ou área de leitura” onde se encontrem não só livros bem editados e bem ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha escrita”. Embora exista, observamos que o espaço só era utilizado quando “sobrava tempo” no fim da aula.

De fato, de acordo com a resposta da professora, dentro da sala não foi observado nenhum outro recurso manipulável como letras móveis ou jogos, nem o uso de nenhum outro material concreto para o enriquecimento das aulas de Língua Portuguesa. Salientamos que a utilização de recursos lúdicos é uma estratégia muito importante no processo de alfabetização, como afirma Moraes:

[...] defendíamos que os alfabetizandos pudessem vivenciar situações lúdicas, explorando jogos que, explicitamente, fossem concebidos para fazê-los brincar com as palavras, de modo a poderem, mais facilmente, compreender as relações entre as partes orais e escritas das mesmas. (2012, p.82 e 83).

Embora as professoras tenham respondido à pergunta realizada, as entrevistadas não falaram com clareza ou propriedade sobre a concepção de alfabetização enquanto processo de formação social do sujeito, já que por meio da aquisição da leitura e da escrita, o indivíduo é capaz de realizar com autonomia atividades do cotidiano e exercer seus direitos de cidadão.

A segunda questão foi: “Qual método de alfabetização você acredita que fundamenta sua prática pedagógica?” Dada a dificuldade percebida para expressar uma resposta, reformulamos a questão da seguinte forma: “Qual perspectiva ou proposta de alfabetização que fundamenta a sua prática?”

Rita: “Então, a gente trabalha mais o fônico, puxando mais o som das palavras, para explicar para eles e eles entenderem. Exemplo, com o RR: caRRO. E aí tem com um R só: baRata, “RA”, então o som sai assim, mais rasgado. A gente explica muito dessa forma, trabalhando com eles as palavras e na leitura em si”.

Nessa questão, em relação aos métodos de alfabetização, a mesma parecia não “se lembrar” ou de fato “desconhecê-los” e daí surgir a dificuldade e insegurança ao responder. Ressaltamos que tal conhecimento é importante para o professor alfabetizador, uma vez que a concepção epistemológica que fundamenta cada método é materializada na prática pedagógica desenvolvida pelo docente. Portanto, esse trabalho precisa ser consciente e intencional.

De fato, a professora trabalhava com os métodos sintéticos, mesclando o uso do método fônico e do silábico. Vale ressaltar que apenas uma vez durante o período observado, a professora utilizou uma prática que pareceu ser comum ao método analítico, mais especificamente, a palavração, com exposição de palavras no quadro aonde a mesma ia lendo, explicando sílabas e após, falando os fonemas, consoantes e vogais existentes dentro dessa palavra.

A mesma questão proposta na cidade de Caravelas, teve o resultado a seguir na fala da professora Aurora:

“Eu acho o tradicional. O silábico, eu acredito. Ou tem outros? Isso vai de acordo com cada criança, tem crianças mesmo aqui que é assim, você já percebeu? Se a gente fala ‘BALA’ ela não capta o som do B, ela fala o A. “começa com A, tia?” Mas o silábico é o melhor.”

A partir da fala da professora, percebemos que ela acredita, mas não afirma, com convicção, usar um método considerado tradicional, o silábico. De fato, percebe-se que a professora Aurora, faz uso do método silábico. Em suas aulas e atividades são trabalhadas as famílias silábicas e com a junção dessas sílabas se realiza a leitura da palavra.

Ao responder a questão referente ao método utilizado, a professora Aurora diz: “Se a gente fala ‘BALA’ ela não capta o som do B, ela fala o A. “começa com A, tia?” como forma de justificar a importância do método silábico para a compreensão da sílaba em toda sua composição. Entretanto, utilizando-se dos estudos da teoria da Psicogênese da Língua Escrita, Morais (2012, p. 49), afirma que

Nas escritas silábicas qualitativas [...], além da preocupação com a regra “uma sílaba oral, uma letra”, haveria a busca de, para cada sílaba, uma letra com valor sonoro convencional, isto é, correspondente a um dos fonemas que formam a sílaba oral em questão. [...] é mais comum as crianças que atingem tal hipótese usarem as vogais para notar as sílabas orais.

Neste sentido, seguindo a proposta da Psicogênese, as crianças que só identificam o som das vogais, indicam que estão na hipótese silábica com valor sonoro. Isso, não necessariamente tem relação com o método utilizado, mas sim com a hipótese de escrita em que o aluno se encontra naquele momento de aprendizagem. Um ponto na fala das duas professoras que chamou atenção, foi a ausência de conhecimento da existência de vários métodos da alfabetização, tampouco do funcionamento desses outros métodos.

A partir da entrevista e da observação realizada, percebemos que a concepção de alfabetização assumida pelas professoras, está voltada para a aprendizagem da escrita enquanto código. Percebe-se nas falas e na prática pedagógica observada, que não existe a preocupação de utilização de textos em sala de aula e nem com seu uso no contexto social em que está sendo produzido, invisibilizando as práticas de letramento. Em sala, desde o início da pesquisa, não vimos referência ao trabalho com listas, bilhetes, cantigas, receitas ou outros gêneros textuais, assim como nas entrevistas esse trabalho também não ficou evidente.

5 Considerações Finais

A partir do estudo de caso realizado, percebemos que a concepção de alfabetização que fundamenta a prática pedagógica das professoras, nos municípios de Alcobaca e Caravelas, parte de uma concepção tradicional de alfabetização, baseando a prática pedagógica no processo de codificar e decodificar. Outro fator importante na nossa pesquisa foi a abordagem sobre os métodos de alfabetização. Houve certa dificuldade em se ter uma

definição do método utilizado, precisamente em nomear este método, visto que as professoras demonstraram insegurança ao assumir o método que fundamenta a sua prática.

Entretanto, o fator que mais nos chamou atenção foi a inexistência do trabalho com gêneros textuais que circulam no contexto cotidiano na prática vivenciada em sala de aula. Tal situação afasta a perspectiva do letramento do processo de alfabetização e tende a favorecer uma aprendizagem distanciada das situações comunicativas reais.

Acreditamos que, possivelmente, não exista uma formação continuada voltada para tais assuntos e sabemos que um aperfeiçoamento dos processos de ensino-aprendizagem é importante para manter o conhecimento pedagógico atualizado e garantir o direito ao uso da leitura e da escrita de forma plena.

Referências

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: MELHORAMENTOS, 2012.

NETO, Otávio Cruz. **Pesquisa Social**: O trabalho de campo como descoberta e criação. Petrópolis: editora vozes, 2002.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**: caminhos e descaminhos. Revista Brasileira de Educação, n.25, jan/abr, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2021.

SCHOLZE, D.; BRANCHER, R. V.; NASCIMENTO, C. T. do. **A ludicidade e o processo de aprendizagem na infância**. VIDYA, v. 26, n. 2, p. 93-104, jul/dez, 2006 - Santa Maria, 2008.